

ROBERTO SAVIANO

# Os meninos de Nápoles

*Conquistando a cidade — Volume 1*

*Tradução*

Solange Pinheiro



Copyright © 2016 by Roberto Saviano

Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

La paranza dei bambini

*Capa*

Alex Merto

*Foto de capa*

Gabriele Stabile

*Preparação*

Paula Carvalho

*Revisão*

Thaís Totino Richter e Dan Duplat

*Os protagonistas deste livro são personagens fictícios, assim como suas histórias pessoais; portanto, qualquer semelhança com pessoas ou estabelecimentos públicos que existem ou que já existiram na vida real deve ser considerada mera coincidência. Os fatos históricos e jornalísticos citados, bem como os apelidos de pessoas, marcas ou estabelecimentos comerciais, têm o único intuito de conferir veracidade à narrativa, sem nenhuma intenção de denegrir ou de prejudicar seus titulares.*

*Para o meu romance vale o que está escrito no início do filme Le mani sulla città [As mãos sobre a cidade]: personagens e fatos aqui narrados são fictícios, ao contrário do meio social que os produz, que é real.*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Saviano, Roberto

Os meninos de Nápoles : conquistando a cidade, volume 1 / Roberto Saviano ; tradução : Solange Pinheiro. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

Título original: La paranza dei bambini.

ISBN 978-85-359-3199-0.

1. Ficção italiana I. Título.

18-23166

CDD-853

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura italiana 853

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/companhiadasletras](https://facebook.com/companhiadasletras)

[instagram.com/companhiadasletras](https://instagram.com/companhiadasletras)

[twitter.com/cialetras](https://twitter.com/cialetras)

*Aos mortos culpados.  
À sua inocência.*



*Onde há crianças, ali é uma idade de ouro.*

Novalis



# Os meninos

MARAJÁ	Nicolas Fiorillo
BRIATO'	Fabio Capasso
TUCANO	Massimo Rea
DENTINHO	Giuseppe Izzo
DRAGO'	Luigi Striano
LOLLIPOP	Vincenzo Esposito
PEIXE FROUXO	Ciro Somma
EUTAVADIZENDO	Vincenzo Esposito
DRONE	Antonio Starita
BISCOITINHO	Eduardo Cirillo
FOGUINHO	Agostino de Rosa

# Sumário

## PRIMEIRA PARTE: A PARANZA VEM DO MAR

1. O embosteamento, 17
2. Novo Marajá, 22
3. Maus pensamentos, 42
4. O casamento, 54
5. A pistola chinesa, 68
6. Balõezinhos, 87
7. Assaltos, 93
8. A miniparanza, 102
9. Máquina de solda, 110
10. O Príncipe, 133

## SEGUNDA PARTE: SACANEADOS E SACANEADORES

11. Tribunal, 143
12. Escudo humano, 155
13. Tá tudo bem, 166
14. Covil, 178



15. Eu juro pela minha mãe, 183
16. Capodimonte, 191
17. Ritual, 204
18. Zoo, 214
19. A cabeça do turco, 226
20. Treinamento, 244
21. Champanhe, 262

TERCEIRA PARTE: TEMPESTADE

22. Vamos dar as ordens, 291
23. Pontos de venda, 302
24. Nós vai é destruir!, 313
25. Walter White, 327
26. Caminhão-tanque, 334
27. Eu vou ser um bom menino, 353
28. Irmãos, 362
29. A mensagem, 388
30. Mar Vermelho, 393

*Nota do autor*, 405

PRIMEIRA PARTE  
A paranza vem do mar

*O nome paranza vem do mar.*

*Quem nasce no mar não conhece só um mar. É tomado pelo mar, banhado, invadido, dominado pelo mar. Pode passar o resto da vida longe dele, mas continua inundado. Quem nasce no mar sabe que tem o mar da canseira, o mar das chegadas e das partidas, o mar dos canais de esgoto, o mar que te isola. Tem a cloaca, a via de fuga, o mar barreira intransponível. Tem o mar à noite.*

*À noite, se sai para pescar. Escuro como breu. Blasfêmias e nenhuma reza. Silêncio. Apenas o barulho dos motores.*

*Dois barcos se afastam, pequenos e avariados, carregados com os faroletes para pesca até quase afundar. Um vai para a esquerda, outro, para a direita, enquanto os faroletes estão na frente para atrair os peixes. Faroletes. Luzes cegantes, eletricidade de água salgada. A luz violenta que rompe a água sem nenhuma graça e chega ao fundo. Dá medo o fundo do mar, é como ver onde tudo se acaba. E o que é isso? É esse monte de seixos e de areia que cobre toda essa imensidão? É só isso?*

*Paranza é como se chamam os barcos pesqueiros que enga-*

*nam os peixes com a luz. O novo sol é elétrico, a luz ocupa a água, toma posse dela, e os peixes a procuram, confiam nela. Confiam na vida, se lançam de boca aberta, governados pelo instinto. E, enquanto isso, abre-se a rede que os circunda, veloz; as malhas guarnecem o perímetro do banco, envolvendo-o.*

*Depois a luz fica parada, parece que ela finalmente vai ser alcançada pelas bocas escancaradas. Até o momento em que os peixes começam a ser espremidos um ao lado do outro, cada um deles mexe as barbatanas, procura espaço. É como se a água se transformasse em uma poça. Todos saltam, quando se afastam mais eles batem, batem em alguma coisa que não é macia como a areia, mas também não é pedra nem é dura. Parece que pode ser rompida, mas não tem como ser superada. Eles se agitam pra cima e pra baixo, pra cima e pra baixo, pra direita, pra esquerda e mais uma vez pra direita e pra esquerda, mas depois sempre menos, sempre menos.*

*E a luz se apaga. Os peixes são erguidos; o mar, para eles, de repente se eleva, como se o fundo estivesse subindo em direção ao céu. São apenas as redes sendo suspensas. Estrangulados pelo ar, as bocas se fecham em pequenos círculos desesperados, e as brânquias que param de funcionar parecem bexigas abertas. A corrida na direção da luz chegou ao fim.*

# 1. O embosteamento

— Cê tá me olhando?\*

— Não, tô cagando pra você.

— E o que cê tá fazendo me olhando?

— Peraí, mano, cê tá achando que sou outro cara! Eu num tô nem pensando em você.

Renatino estava no meio dos outros meninos, fazia tempo que tinham reparado nele no meio da selva de corpos, e quando se deu conta já havia quatro em volta dele. O olhar é território, é pátria; olhar alguém é entrar numa casa sem pedir licença. Encarar alguém é invadir. Não desviar o olhar é manifestação de poder.

Eles ocupavam o centro da praça. Uma pracinha cercada por um mar de edifícios, com só uma rua de acesso, um único bar na esquina e uma palmeira que, sozinha, trazia um ar exótico ao lu-

\* Boa parte dos diálogos deste livro foi escrita em napolitano, dialeto falado no sul da Itália. Para marcar a diferença de registro, a editora optou por traduzir essas frases, recriando o linguajar próprio dos personagens, distante do italiano padrão, e mantendo algumas marcas características, como o uso dos artigos 'a e 'o' (N.E.)

gar. Aquela planta fincada em poucos metros quadrados de terra transformava a percepção das fachadas, das janelas e dos portões, como se uma lufada de vento a tivesse trazido da piazza Bellini.

Nenhum deles tinha mais de dezesseis anos. Aproximavam-se sentindo a respiração um do outro. Estavam se desafiando. Nariz contra nariz, a cabeçada no septo nasal estava pronta para sair se não fosse a interferência d’o Briato’. Seu corpo se postou na frente, um muro delimitando uma fronteira.

— Mas cê num cala mesmo a boca! E tá sempre falano! Merda, e nem memo baixa os zoio.

Renatino não baixava os olhos por vergonha, embora não hesitasse em fazer um gesto de submissão para poder escapar daquela situação. Abaixar a cabeça, até mesmo ficar de joelhos. Eram muitos contra um: as regras de honra não valem quando se tem de dar uma surra em alguém. “Surrar” em napolitano não significa o mesmo que “bater”. Como acontece com as línguas da carne, “surrar” é um verbo que vai além do seu significado comum. A mãe te dá uma surra, a polícia bate em você; teu pai ou teu avô te dão uma surra, o professor na escola bate em você; a tua namorada te surra se teu olhar se demorar sobre outra mulher.

É com toda a força possível, com ressentimento verdadeiro e sem restrições que se surra alguém. E, além disso, dar uma surra implica certa proximidade ambígua. Só se surra quem a gente conhece, em desconhecidos, bate-se. Dá-se uma surra em quem está perto por causa do território, da cultura, da familiaridade, quem faz parte da tua vida; bate-se em quem não tem nada a ver com você.

— Cê fica curtindo todas as fotos da Letizia. Fica comentando tudo, e quando eu chego aqui na praça cê fica me olhando? — Nicolas o acusou. E, enquanto falava, com os alfinetes negros que tinha no lugar dos olhos, imobilizou Renatino como se fosse um inseto.

— Eu num tô te olhando memo. E se a Letizia posta as foto, eu posso comentar e curtir.

— E então cê acha que eu não devia te dá uma surra?

— Ah, mas cê me enche o saco, Nicolas.

Nicolas começou a empurrar e a puxar Renatino: o corpo do garoto tropeçava nos pés que o rodeavam e ricocheteava contra os corpos na frente de Nicolas como em uma mesa de bilhar. 'O Briato' o empurrou para Dragonbò, que o segurou com uma mão só e o lançou contra 'o Tucano. Este fingiu que ia lhe dar uma cabeçada, mas depois o passou de novo para Nicolas. O plano era outro.

— Mas que merda que cês tão fazendo! O!!!

A voz saía de sua boca como se fosse a de um animal, ou melhor, de um cachorrinho amedrontado. Repetia apenas um som, que saía como uma prece implorando salvação: O!!!

Um som seco. Um “o” gutural, simiesco, desesperado. Pedir socorro é a confirmação da própria covardia, mas aquela única letra, que era também a última letra da palavra socorro, esperava ser compreendida como uma súplica, sem ter de passar pela humilhação máxima de torná-la explícita.

Quem estava por perto não fazia nada; as meninas foram embora como se fosse começar um espetáculo a que elas não queriam nem podiam assistir. Os outros fingiram que não estavam lá, uma plateia que, na verdade, estava muito atenta, mas pronta para jurar, se perguntassem, que estava o tempo todo com a cara enfiada no iPhone e, por isso, não tinha percebido nada.

Nicolas deu uma olhada rápida pela praça, depois fez Renatino cair com um soco. Ele conseguiu se levantar, mas um pontapé de Nicolas bem no peito o jogou de novo por terra. Os quatro o rodearam.

'O Briato' começou a segurá-lo pelas pernas, pelos tornozelos. De vez em quando uma das pernas lhe escapava, como uma enguia que tenta dar um salto, mas ele sempre conseguia evitar

o pontapé no rosto que o Renatino, desesperado, tentava lhe dar. Depois ele amarrou as pernas com uma corrente, dessas fininhas que são usadas para prender as bicicletas no poste.

— Tão presa! — disse, depois de ter fechado o cadeado.

'O Tucano prendeu as mãos de Renatino com algemas de metal revestidas de pelúcia vermelha, provavelmente encontradas em algum sex shop, e lhe chutava os rins para subjugá-lo. Dragonbò segurava firme a cabeça dele com aparente delicadeza, como fazem os enfermeiros quando colocam um colar ortopédico num paciente acidentado.

Nicolas baixou a calça, virou as costas para Renatino e se abai-xou sobre o rosto dele. Com um gesto rápido, pegou as mãos alge-madas para mantê-las imóveis e começou a cagar no rosto dele.

— Que é que cê me diz, 'o Drago', cê acha que um home que é bosta come bosta?

— Acho que sim.

— Olha que tá saindo... bom apetite.

Renatino se contorcia e urrava, mas quando viu a massa marrom sair ficou imóvel e fechou tudo. Cerrou a boca, franziu o nariz, contraiu o rosto, endurecendo-o na esperança de que virasse uma máscara. Drago' manteve a cabeça do garoto firme e a soltou apenas quando viu o primeiro pedaço cair sobre o rosto dele. E só fez isso para não correr o risco de se sujar. A ca-beça começou a se mexer de novo, parecia enlouquecida, de um lado para o outro, tentando tirar o pedaço de bosta que tinha caído entre o nariz e o lábio superior. Renatino conseguiu fazer com que ele caísse e tornou a gritar seu desesperado "O!".

— Ô velho, tá saindo o segundo pedaço... segura ele firme.

— Cacete, Nicolas, cê comeu pra caraio...

Drago' voltou a segurar a cabeça, sempre com um jeito de enfermeiro.

— Filhos da puta! O!!! O!!!! Filhos da puta!!!

Urrava impotente, para depois ficar quieto assim que viu o



segundo pedaço sair do ânus de Nicolas. Um olho escuro peludo que, com duas contrações, dividiu a serpente de excremento em dois pedaços arredondados.

— Ua', cê tava m'impresionando, Nico'.

— Drago', cê também quer um poco de tiramisù de bosta?

O segundo pedaço caiu em cima dos olhos de Renatino. Ele percebeu que estava livre das mãos de Drago', então recomeçou a mover a cabeça, histérico, até que sentiu ânsia de vômito. Depois Nicolas pegou uma ponta da camiseta de Renatino e limpou a bunda, com cuidado e sem pressa.

Deixaram ele ali.

— Renati', cê tem que agradecê a minha mãe, sabe por quê? Porque ela faz comida boa pra mim, se eu comia as coisa que aquela besta da tua mãe faz, agora eu cagava mole na tua cabeça e cê tomava um banho de bosta.

Risadas. Risadas que consumiam todo o oxigênio na boca e os sufocavam. Igual aos zurros daquele amigo do Pinóquio que se transformou em asno. Eram as risadas ostensivas mais banais. Risadas de meninos, mal-educadas, insolentes, um pouco mima-das, para ganhar aprovação. Tiraram a corrente dos tornozelos de Renatino, libertaram suas mãos das algemas.

— Fica com elas, te dou de presente.

Renatino se sentou, agarrando aquelas algemas revestidas de pelúcia. Os outros se afastaram, saíram da praça gritando e pulando nas motonetas. Besouros motorizados, aceleraram sem motivo, frearam para evitar bater um no outro. Desapareceram em um segundo. Nicolas, no entanto, manteve seus alfinetes negros fixos até o último instante em Renatino. O ar em movimento despenteava os cabelos louros que, mais dia, menos dia, ele tinha decidido, iria raspar a zero. Depois, a motoneta em que ele ia na garupa foi para longe da praça, e eles se transformaram apenas em silhuetas escuras.

## 2. Novo Marajá

Forcella é matéria de história. Matéria de carne secular. Matéria viva.

Está ali, nas rugas das vielas que a marcam como a um rosto açoitado pelo vento, o sentido daquele nome. *Forcella*. Uma caminhada e uma bifurcação. Uma incógnita, que te mostra sempre de onde partir, mas nunca o ponto de chegada, se é que se chega a algum lugar. Uma estrada símbolo. De morte e de ressurreição. Que te recebe com o retrato imenso de San Gennaro pintado em um muro, te observa da fachada de uma casa com olhos que tudo compreendem, fazendo você lembrar que nunca é tarde para se reerguer, que a destruição, assim como a lava, pode ser contida.

Forcella é uma história de recomeço. De cidades novas por cima de cidades velhas, e de cidades novas que envelhecem. De cidades barulhentas e alvoroçadas, feitas de rochas ígneas, de tufo e traquito. Pedras que ergueram cada muro, traçaram cada rua, modificaram tudo, inclusive as pessoas que sempre trabalharam com elas. Ou melhor, cultivaram-nas. Porque dizem que o

traquito se cultiva, como se fosse uma cerca de videiras para regar. Pedras que estão se esgotando, porque cultivar a pedra significa consumi-la. Em Forcella, até as pedras são vivas, até elas respiram.

Os edifícios estão colados nos edifícios, as varandas se beijam de verdade em Forcella. E com paixão. Até quando uma rua passa no meio delas. E se não são os varais de roupas que as unem, são as vozes que se dão as mãos, que chamam umas às outras para dizer que o que passa por baixo não é asfalto, mas um rio atravessado por pontes invisíveis.

Toda vez que Nicolas passava na frente das ruínas do Cippo, em Forcella, sentia a mesma alegria. Ele se lembrava de quando, dois anos antes, embora parecessem séculos, eles tinham ido roubar a árvore de Natal na galeria Umberto, levando-a até o Cippo na mesma hora, com as suas bolinhas luminosas, que não eram mais luminosas, já que não havia eletricidade para fazê-las funcionar. Foi assim que ele conseguiu ser notado por Letizia, que, saindo de casa na manhã da antevéspera de Natal e virando a esquina, viu a ponta da árvore, como naquelas fábulas nas quais você planta uma semente à noite e, quando o sol aparece, tadá!, cresceu uma planta que encosta no céu. Naquele dia, ela o beijou.

Para pegar a árvore, tinha ido à noite com o grupo todo. Eles saíram de casa assim que os pais foram dormir e, em dez, fazendo das tripas coração, colocaram a árvore nas costas, tentando não fazer barulho, xingando em voz baixa. Depois a amarraram nas motonetas: Nicolas e 'o Briato' com Eutavadizendo e 'o Dentinho na frente, e os outros atrás mantendo o tronco erguido. Tinha caído um aguaceiro, e não foi fácil atravessar com as motonetas os pântanos e os rios de água vomitados pelas tubulações. Eles tinham as motonetas, não a idade para dirigir, mas, como diziam, nasceram sabendo e conseguiam se virar melhor do que os que eram maiores que eles. Contudo, não era fácil se mover

em meio àquela película de água. Eles pararam várias vezes para recuperar o fôlego e arrumar as cordas, e no fim conseguiram. Tinham carregado a árvore até o bairro, levado para o meio das casas, das pessoas. Onde ela devia estar. Depois, à tarde, os falcões da polícia foram pegá-la, mas já não fazia diferença. A tarefa tinha sido cumprida.

Nicolas deixou o Cippo para trás com um sorriso e estacionou embaixo da casa de Letizia; queria pegá-la e levá-la à boate. Ela, no entanto, já tinha visto os posts no Facebook: as fotos de Renatino sujo de merda, os tuítes dos amigos alardeando a sua humilhação. Letizia conhecia Renatino e sabia que ele estava atrás dela. O único pecado que tinha cometido era ter curtido algumas fotos dela assim que seu pedido de amizade foi aceito: uma culpa imperdoável aos olhos de Nicolas.

Nicolas apareceu lá embaixo na casa dela, não tinha interfonado. O interfone é um aparelho que só o carteiro, o guarda noturno, o policial, o pessoal da ambulância, o encanador e o desconhecido usam. Quando, pelo contrário, você precisa chamar a namorada, sua mãe, seu pai, um amigo, a vizinha de casa que acha que faz parte da sua vida, você grita: é tudo aberto, escancarado, todos ouvem, e se não der para ouvir é mau sinal, alguma coisa aconteceu. Lá embaixo, Nicolas esgoelava: — Leti! Letizia! — A janela do quarto de Letizia não dava para a rua, voltava-se para um tipo de pátio sem luz. A janela virada para a rua, para a qual Nicolas olhava, iluminava um grande patamar, espaço comum de diversos apartamentos. As pessoas que passavam pela escada do prédio ouviam os chamados e batiam à porta da casa de Letizia, sem nem esperar que ela abrisse. Batiam e continuavam a subir: era o código. “Estão te chamando.” Quando Letizia, ao abrir, não via ninguém, sabia que quem a procurava estava na rua. Mas naquele dia Nicolas gritava com uma voz

tão forte que ela o escutava do seu quarto. Acabou aparecendo no patamar e berrou:

— Cê pode é vazar. Eu não vou pra lugar nenhum.

— Que é isso, desce, vai.

— Não, eu num vou descer.

Na cidade é assim. Todo mundo sabe que você está brigando. Têm de saber. Cada insulto, cada palavra, cada grito ressoa entre as pedras das vielas, acostumadas com as brigas entre os enamorados.

— Mas que é que o Renatino te fez?

Nicolas, entre incrédulo e satisfeito, perguntou:

— A notícia já chegou por aqui?

No fundo, para ele bastou saber que sua namorada já sabia. As façanhas de um guerreiro passam de boca em boca, se transformam em notícia e depois viram lenda. Ele olhava Letizia na janela e sabia que sua proeza continuava a repercutir entre o revestimento descascado, os tubos de alumínio, as sarjetas, as varandas, e depois mais para o alto, entre as antenas e parabólicas. E foi enquanto a olhava, apoiada no parapeito, com os cabelos ainda mais encaracolados depois do banho, que recebeu uma mensagem de Agostino. Uma mensagem urgente e cifrada.

A discussão acabou assim. Letizia o viu montar na scooter e partir com os pneus cantando. Um minotauro: metade homem, metade rodas. Guiar, em Nápoles, é ultrapassar por todos os lados, não tem barreiras, contramão, ilha para pedestres. Nicolas estava indo se encontrar com os outros no Novo Marajá, uma boate no bairro de Posillipo. Um local imponente, com uma varanda que se lançava sobre o golfo. Aquela varanda por si só garantia a sobrevivência da estrutura — era alugada para casamentos, comunhões, festas. Desde criança, Nicolas se sentia atraído por aquela construção branca que se erguia no centro de um penhasco de Posillipo. Nicolas gostava do Marajá porque era arrojado. Estava

fincado nos rochedos como uma fortaleza inexpugnável; tudo era branco, os acabamentos, as portas, até mesmo as persianas. Ele fitava o mar com a majestade de um templo grego, com suas colunas imaculadas que pareciam sair diretamente da água e que sustentavam a varanda na qual Nicolas imaginava que caminhassem os homens que ele almejava se tornar.

Nicolas tinha crescido passando em frente ao Novo Marajá, observando a imensidão de motos e de carros estacionados do lado de fora, admirando as mulheres, os homens, a elegância e a ostentação, jurando para si mesmo que entraria ali a qualquer custo. Era sua ambição, um sonho que havia contagiado os amigos, os quais, em dado momento, lhe deram aquele apelido — Marajá. Poder entrar lá, não com o uniforme de garçom, nem devido a um favor concedido por alguém, na linha do “dá uma voltinha aí e depois para de me encher o saco”: ele e os outros queriam ser clientes e, quem sabe, os mais respeitados. Quantos anos demoraria, Nicolas se perguntava, para poder passar a noite toda ali dentro? O que precisaria fazer para chegar lá?

O tempo ainda é tempo quando você pode imaginar e, quem sabe, imaginar que, juntando dinheiro por dez anos, passando num concurso público, com um pouco de sorte e se esforçando bastante, talvez... Mas o salário do pai de Nicolas era o de um professor de educação física, e a mãe tinha um pequeno negócio, uma lavanderia. Os caminhos percorridos pelas pessoas do seu sangue exigiriam um tempo inadmissível para entrar no Marajá. Não. Nicolas tinha de fazer isso agora mesmo. Aos quinze anos.

E tudo foi simples. Como sempre são mais simples as escolhas importantes das quais não se pode voltar atrás. É o paradoxo de todas as gerações: as escolhas reversíveis são as mais pensadas, ponderadas e avaliadas. As irreversíveis decorrem de uma decisão imediata, são geradas por uma ação instintiva e acatadas sem

resistência. Nicolas fazia o que faziam todos os outros da sua idade: as tardes passadas na motoneta na frente da escola, as selfies, a obsessão com os tênis — para ele, eram sempre a prova de ser um homem com os pés no chão, sem aqueles tênis não se sentiria nem mesmo um ser humano. E então aconteceu que um dia, uns meses antes, no fim de setembro, Agostino tinha conversado com Copacabana, um homem importante dos Striano em Forcella.

Copacabana tinha se aproximado de Agostino porque era um parente: o pai de Agostino era seu primo-irmão, ou seja, seu primo de primeiro grau.

Agostino correu até seus amigos assim que as aulas acabaram. Chegou com o rosto todo vermelho, mais ou menos da mesma cor viva dos cabelos. De longe parecia que, do pescoço para cima, estava pegando fogo, e não era à toa que o chamavam de 'o Foguinho. Sem fôlego, contou tudo, palavra por palavra. Eles nunca se esqueceriam daquele momento.

— Mas cês entenderam quem é?

Para falar a verdade, só tinham ouvido o nome.

— Co-pa-ca-ba-na! — ele falou, separando as sílabas. — O chefe da família Striano. Disse que precisa de uma ajuda, precisa de gente nova. E que paga bem.

Nenhum deles tinha se impressionado muito. Nem Nicolas, nem os outros do grupo viam no criminoso o herói que ele tinha sido para os meninos de rua de outro tempo. Não fazia diferença, para nenhum deles, como ganhassem o dinheiro; o importante era ganhar e ostentar, o importante era ter o carro, as roupas, os relógios, ser desejado pelas mulheres e invejado pelos homens.

Só Agostino conhecia mais detalhes da história do Copacabana, um apelido que lhe tinha sido dado por causa de um hotel comprado nas praias do Novo Mundo. Uma esposa brasileira, filhos brasileiros, droga brasileira. Para que ele ficasse ainda mais

importante, a impressão e a certeza de que podia hospedar qualquer pessoa em seu hotel: de Maradona a George Clooney; de Lady Gaga a Drake, e postava fotos com eles no Facebook. Ele podia desfrutar da beleza das coisas que eram suas para levar qualquer um para lá. Com isso, tornou-se o membro com maior visibilidade de uma família em grandes dificuldades como a dos Striano. Copacabana não precisava nem olhar para a cara dos garotos para decidir que poderiam trabalhar para ele. Quase três anos depois da prisão de Don Feliciano Striano, 'o Nobre, ele continuava a ser o único dirigente em Forcella.

Copacabana tinha se saído bem no processo contra os Striano. A maior parte das acusações à organização havia sido feita quando ele estava no Brasil, por isso escapara da acusação de associação criminosa, a mais perigosa para ele e para pessoas como ele. Era de primeiro grau. A procuradoria entrou com recurso. Como Copacabana estava com a corda no pescoço, tinha de dividir, encontrar novos meninos para deixar nas mãos deles um pouco do negócio e mostrar que tinha resistido ao golpe. Os seus meninos, a sua paranza, os Capelloni, eram muito bons, mas imprevisíveis. É o que acontece quando você chega ao topo muito depressa, ou pelo menos acha que chegou. 'O White, o chefe deles, mantinha-os na linha, mas trabalhava sem parar. A paranza dos Capelloni só sabia distribuir, não abrir um novo ponto de negócio. Para esse novo início precisava de um material mais maleável. Mas quem? E quanto dinheiro pediriam para ele? E quanto dinheiro precisaria disponibilizar? Uma coisa é o dinheiro para investir; outra é o dinheiro no bolso. Se Copacabana tivesse vendido pelo menos uma parte do hotel que possuía na América do Sul, teria podido pagar cinquenta homens, mas era dinheiro dele. Para investir na atividade se usava o dinheiro do clã, e ele estava em falta. Forcella estava na mira de todos, a procuradoria, os programas de televisão e até a política estavam



tomando o bairro. Mau sinal. Copacabana tinha de reconstruir tudo: não havia mais ninguém para levar adiante o negócio em Forcella. A organização tinha implodido.

E então ele procurou Agostino: enfiou um bloco de haxixe debaixo do nariz dele, assim, de repente. Agostino não estava na escola, e Copacabana lhe perguntou:

— Um tijolo desse cê passa em quanto tempo?

Passar fumo era o primeiro passo para ser um traficante, ainda que para receber esse título a estrada fosse longa; passar fumo significava vender para os amigos, os parentes, os conhecidos. A margem de ganho era muito pequena, mas praticamente não havia risco.

Agostino respondeu:

— Hã... um mês.

— Um mês? Isso aqui, em uma semana, cê num tem mais nada.

Agostino tinha idade para andar de motoneta, que era o que interessava para Copacabana.

— Traz todos os amigos que querem tramar um pouco. Todos os amigos de Forcella, aqueles que eu vejo que ficam na frente da boate em Posillipo. Já chega de ficar por ali só coçando o saco... não?

E foi assim que tudo começou. Copacabana marcava encontros com eles em um prédio na entrada de Forcella, mas nunca estava lá. Em seu lugar sempre estava um homem de fala desenvolta, mas lento da cabeça, conhecido como Alvaro, porque se parecia com o ator Alvaro Vitali. Tinha seus cinquenta anos, mas aparentava ter muito mais. Semianalfabeto, somava mais anos na prisão que nas ruas: a prisão, muito jovem, nos tempos de Cutolo e da Família Nova; a prisão na época da guerra entre os cartéis da Sanità e de Forcella, entre os Mocerino e os Striano. Tinha escondido as armas, tinha se ocupado do transporte e da identi-

ficação de traidores dentro do grupo. Vivia com a mãe em um porão, nunca tinha feito carreira, só lhe pagavam uns trocados e bancavam umas prostitutas eslavas com quem ele se encontrava, obrigando a mãe a ir para a casa dos vizinhos. No entanto, era uma das pessoas de confiança de Copacabana. Trabalhava bem: acompanhava-o no carro, passava os pacotes de fumo por conta própria para Agostino e os outros meninos.

Alvaro lhes mostrara onde deviam ficar. O apartamento em que guardavam o fumo ficava no último andar. Eles tinham de vender no hall de entrada. Não era como em Scampia, na periferia norte de Nápoles, onde havia grades e barreiras, nada disso. Copacabana queria uma venda mais livre, menos blindada.

A função deles era simples. Chegavam ao ponto um pouco antes de começar o vaivém, para eles próprios cortarem os pedaços de fumo com a faca. Alvaro se juntava a eles para bater um papinho e cortar. Pedacos de dez, de quinze e de cinquenta. Depois guardavam o haxixe no habitual papel de alumínio e deixavam tudo pronto; a erva, por sua vez, era colocada dentro de saquinhos. Os clientes entravam no hall do edifício de motoneta ou a pé, pagavam e iam embora. O procedimento era seguro porque a área contava com os vigias pagos por Copacabana, além de uma porção de pessoas que, estando na rua, podiam identificar policiais, carabinieri e gente da Guarda de Finanças à paisana e de uniforme.

Eles passavam fumo depois da aula, mas às vezes nem iam à escola, já que eram pagos por pedaço vendido. Aqueles cinquenta, cem euros por semana faziam diferença. E tinham um único destino: Foot Locker. Eles assaltavam a loja. Entravam em formação de tartaruga, à moda dos soldados romanos, como se quisessem destruí-la, e depois, passada a soleira da porta, se dispersavam. As camisetas eles pegavam de dez, às vezes quinze por vez. O Tucano vestia uma por cima da outra. Just Do It. Adidas.